

TERROR

Um "lobo solitário" promove um massacre em Orlando. Como a Olimpíada lidará com a ameaça?

THRILLER

Eduardo Cunha perde no Conselho de Ética - e a novela de sua cassação chega aos capítulos finais

PLANTÃO MÉDICO

Exclusivo: a fraude dos laboratórios para vender ao SUS remédios de alto custo

ÉPOCA

www.epoca.com.br



DOUTOR MICHEL & MISTER TEMER

No momento em que toma medidas decisivas para tirar a economia da UTI, o presidente interino enfrenta uma tempestade política e é citado numa delação


OBSERVADOR DO TERRORISMO.....

46

O massacre de Orlando mostra que o mundo
não sabe lidar com o novo tipo de terrorismo

IDEIAS

OBSERVADOR
DO TERRORISMO



AS LIÇÕES DO MASSACRE DE ORLANDO

O maior atentado terrorista em solo americano desde o 11 de setembro expõe a dificuldade das agências de segurança do mundo todo em lidar com a ascensão de um novo tipo de terrorismo, praticado por indivíduos isolados ou pequenos grupos



HOMOFÓBICO
Homenagem às
vítimas do massacre
em Orlando. No
detalhe, Omar
Mateen, o assassino.
Com histórico de
violência, ele passou
batido pelo FBI

Rodrigo Turrer

Omar Mateen, o autor do maior atentado terrorista em solo americano desde o 11 de setembro de 2001, era um sujeito cheio de conflitos. Nascido nos Estados Unidos, em uma família de afeições tradicionais, mas não muito religiosos, ele abraçou o radicalismo islâmico e perpetrou um ataque contra o país que acolheu sua família. Estudou em bons colégios, era charmoso e atraente, tinha uma carreira profissional, mas desenvolveu um comportamento irascível e violento. Manteve um perfil em um site de relacionamento gay e frequentou várias vezes a boate LGBT Pulse, em

Orlando – local escolhido por ele para promover o maior massacre a tiros na história recente dos Estados Unidos, ao matar 49 pessoas e ferir outras 53.

A história de Mateen, com suas dualidades e nuances, que mistura ódio a homossexuais, radicalismo religioso e ações ostensivas de publicidade do Estado Islâmico (EI), o grupo terrorista que ocupa extensas fatias de território no Iraque e na Síria, é reveladora e alarmante. O ataque de Mateen expõe a impotência das lideranças mundiais diante da ascensão de um novo tipo de terrorismo, que usa extremistas isolados ou um grupo pequeno para cometer atrocidades contra peque-

nos alvos com grande concentração de pessoas – os “lobos solitários”.

O Estado Islâmico é o grande patrocinador desse tipo de atentado mundo afora. Ele teve sucesso na Europa, principalmente nos atentados de Paris, na França, no ano passado, e de Bruxelas, na Bélgica, neste ano. Há anos alguns grupos jihadistas vêm exortando seus seguidores a atacar alvos em seus países de origem, usando métodos que não exigem grandes meios ou treinamento. Os “lobos solitários” privilegiam ataques contra alvos civis como cafés e supermercados, comandados por grupos de no máximo cinco terroristas. São ações mais fáceis de concretizar, ►

OBSERVADOR DO TERRORISMO

que aterrorizam a população, geram publicidade e são difíceis de detectar.

A ameaça gerada pelos “lobos solitários” cresceu com a entrada em cena do EI. O grupo elevou os atos de terrorismo a uma forma de “adoração”, que dispensa qualquer apoio logístico da organização na preparação dos ataques. Ao contrário da al-Qaeda e de outros grupos jihadistas, que tinham uma rígida hierarquia, o EI liberou seus seguidores mundo afora para cometer atentados. Basta jurar lealdade ao grupo antes do ataque – seja on-line, seja por telefone, seja por escrito, qualquer um pode jurar lealdade. Foi o que fez Mateen. Foi o que fez um casal terrorista que matou 14 pessoas em um centro comunitário em San Bernardino, na Califórnia, em 2015. Foi também o que fez na semana passada Larossi Abballa, de 25 anos, ao esfaquear e degolar um policial e sua mulher em Paris.

O novo estilo de ação do terrorismo desnorteia os serviços de segurança ocidentais. “A maioria dos países do Ocidente luta para lidar com o aumento dos ataques porque as medidas tradicionais não funcionam”, afirma Patrick Skinner, um ex-agente da CIA e diretor do The Soufan Group, uma empresa privada de avaliação de risco geopolítico. “As medidas de contraterrorismo projetadas para detectar viagens internacionais e comunicações realmente não se aplicam a esses indivíduos. Se uma pessoa não está sob o radar, ela não será detectada até que atue.”

Combater essa forma de radicalização é uma tarefa quase impossível. Em 2011, autoridades russas alertaram o governo americano para o radicalismo do tchetcheno Tamerlan Tsarnaev, radicado nos Estados Unidos. O FBI, a polícia federal americana, interrogou o suspeito e seus familiares, concluiu que ele não representava ameaça e o liberou sem nenhuma vigilância. Dois anos depois, Tamerlan e seu irmão Dzhokhar cometeram o atentado à bomba contra a maratona de Boston, que matou três pessoas e feriu 264. Ao iniciar o ataque na boate Pulse, Mateen ligou para o telefone de emergência 911, declarou lealdade ao EI e elogiou o atentado de Boston.

Levantamentos feitos pelo Centro Internacional de Estudos da Radicalização, baseado em Londres, indicam que os homens e mulheres mais inclinados a se tor-

DOIS ATAQUES, DUAS REAÇÕES

Nas redes sociais, os brasileiros reagiram mais ao ataque em Paris do que ao de Orlando

Volume total de hashtags (em qualquer idioma) no período

13

milhões

6,3

milhões

Paris Orlando

Principais hashtags de cada atentado e o tamanho de sua adesão

#prayforparis

7,46 milhões de menções

#orlando

2,1 milhões de menções

REAÇÃO PELO MUNDO
Tuites por 1.000 habitantes sobre o atentado de Orlando

Orlando	390
Miami	180
Washington	150
Paris	47
Los Angeles	38
Chicago	37
Nova York	30
Toronto	27
Londres	27
Rio de Janeiro	10
São Paulo	6

Fonte: Agência Lupa e Fundação Getúlio Vargas

narem lobos solitários costumam ter dificuldade de socialização, são violentos e sofrem distúrbios mentais. Assim como os Tsarnaevs, Mateen se encaixa com perfeição na descrição. Nascido em 1986, em Nova York, filho de imigrantes afegãos, Mateen se mudou com a família para Port St. Lucie, na Flórida, aos 5 anos. Mateen estudou na escola Spectrum, dedicada a crianças com problemas de comportamento. Ao contrário das três irmãs, ele não tinha muitos amigos e era vítima de bullying frequentemente. Alguns dos colegas de Mateen no colégio, ouvidos pelo jornal *The New York Times*, disseram que ele comemorou os atentados de 11 de setembro de 2001 e fez piada quando viu os aviões se chocar contra as Torres Gêmeas.

Apesar dos problemas de comportamento, Mateen era bem-sucedido. Em 2006, aos 19 anos, obteve um diploma técnico de justiça criminal. Trabalhou como agente carcerário em um presídio na Flórida e foi demitido por “questões administrativas”. No ano seguinte, conseguiu o emprego na G4S, uma das maiores empresas de segurança privada dos Estados Unidos, onde trabalhou até o atentado de domingo. Em 2008, comprou um imóvel em um condomínio de classe média em Fort Pierce, na Flórida.

O que era nítido na personalidade de Mateen era sua agressividade – que ganhou forma de machismo e homofobia em anos recentes. Os rompantes de violência de Mateen se intensificaram no casamento com Sitora Yusufiy, uma imigrante do Uzbequistão. Sitora conta que logo no primeiro mês de casamento ele passou a bater nela, até quando estava dormindo. Não a deixava sair de casa para o trabalho. Sitora foi “resgatada” de seu cativeiro por seus pais em 2011 e se divorciou. Ela contou que Mateen falava com frequência contra homossexuais, mas não era um islâmico radical.

Aos poucos, Mateen tomou contato com o extremismo islâmico, por meio de internet e redes sociais, e se radicalizou. Em 2013, colegas de Mateen na G4S o denunciaram por ele se jactar de ter relações com integrantes da al-Qaeda e do Hezbollah. O FBI interrogou e investigou Mateen, mas arquivou o caso. Em 2014, Mateen voltou a ser investigado depois que ele contactou Moner Mohammad ►

OBSERVADOR DO TERRORISMO



**FACILIDADE
Americano olha
armas em uma
loja no Missouri.
Comprar armas
nos Estados
Unidos é tão fácil
quanto comprar
um celular**

Abusalha. Filho de pai palestino, Abusalha se tornou o primeiro terrorista suicida americano na Síria, em 2014, quando se explodiu na província de Idlib. O FBI concluiu que esse contato fora “mínimo” e que não havia outros sinais de radicalização de Mateen. Ele foi liberado e manteve seu emprego na G4S.

Em dois anos, Mateen desenvolveu uma obsessão em relação aos homossexuais. Frequentou a Pulse várias vezes e foi reconhecido por vários frequentadores. Ao mesmo tempo, demonstrava um ódio visceral de homossexuais, segundo parentes próximos. Seu pai, Seddique Mir Mateen, disse que, há dois meses, passeava com o filho e o neto de 3 anos em Miami Beach, quando viram dois homens se beijando e se acariciando. “Olhe, estão fazendo isso na frente do meu filho”, indignou-se Mateen.

A homofobia de Mateen parece ser um ponto-chave da discussão sobre o atentado. Ao falar sobre o ataque, o presidente Barack Obama disse que a boate de Orlando “era mais que uma casa noturna. Era um ambiente de solidariedade e empoderamento”. As reações de muitas figuras públicas americanas revelaram, até involuntariamente, o preconceito

com os homossexuais. O governador republicano da Flórida, Rick Scott, chamou a tragédia de “um ato claro de terrorismo”, mas não se referiu ao local do atentado ou ao perfil das vítimas. O senador Marco Rubio, também da Flórida, se solidarizou com as vítimas. Mas até março, quando era candidato à Casa Branca, criticava o Supremo americano por aprovar o casamento gay e prometia lutar para reverter a decisão.

Outros laivos do preconceito contra homossexuais e a comunidade LGBT apareceram em alguns lugares que não os Estados Unidos. A agência Lupa, especializada em checagem de dados, e a Fundação Getúlio Vargas varreram as redes sociais e analisaram as menções que circularam logo após os atentados de Paris, em novembro do ano passado, e na semana passada, depois de Orlando. Paris causou bem mais comoção que Orlando (leia mais no quadro à página 48).

Além do radicalismo islâmico e da homofobia, o massacre de Orlando trouxe à tona outro problema: a facilidade de conseguir armas na maioria dos Estados americanos. Na Flórida, local do massacre, é possível comprar um fuzil AR-15, capaz de disparar 13 tiros por segundo e destruir alvos a 600 metros, com a mesma facilidade com que se compra um telefone celular. Armas de uso militar, automáticas e potentes, estão ao alcance de qualquer lunático em lojas e supermercados.

Mateen tinha problemas psicológicos e comportamento violento e foi investigado pelo FBI duas vezes. Mesmo com esse histórico, não teve dificuldades em comprar o fuzil AR-15 e a pistola 9mm com que cometeu o atentado. Não há na Flórida e em quase nenhum Estado americano nenhum tipo de verificação de antecedentes para quem compra armas. Apesar de 85% dos americanos serem favoráveis a esse tipo de checagem, o Senado, sob pressão da National Rifle Association (NRA), o poderoso lobby armamentista, rejeitou a obrigatoriedade da medida, proposta pelo governo do presidente Barack Obama. “Temos uma lista de vigilância contra o terror, de quem não pode pegar avião, e qualquer um nessa lista pode comprar uma arma — é o nível mais alto de insanidade”, disse à rede de TV CNN o ex-comissário de polícia de Nova York Bill Bratton.

O acesso à compra de armas não é a causa isolada dos atentados, mas facilita e muito os planos dos terroristas. Com 4,4% da população mundial, os americanos são donos de 42% das armas do planeta. De 2002 a 2014, 85% das pessoas mortas em ataques terroristas nos Estados Unidos foram mortas por armas de fogo. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos têm conseguido evitar ataques terroristas maciços em solo americano. Mas os tiroteios em massa continuam sendo a maior chaga de violência no país. Com a ascensão dos lobos solitários, adotando os métodos dos atiradores em massa, o terrorismo volta a ser uma enorme ameaça para os Estados Unidos. Uma ameaça para a qual os americanos — e o resto do mundo — não parecem ter uma resposta. ♦

Com Flávia Yuri Oshima e Teresa Perosa